



GUERRA EM GAZA

Acordo de cessar-fogo: segunda fase à vista

Primeira etapa da trégua de seis semanas prevê a entrega de 33 reféns a Israel, incluindo pelo menos oito mortos, em troca de 1.900 palestinos. A quinta libertação foi efetivada ontem, e novas tratativas devem ocorrer nesta semana

» MARINA RODRIGUES
» ISABELLA ALMEIDA

A quinta libertação de reféns israelenses em troca de prisioneiros palestinos ocorreu ontem, aproximadamente, na metade da primeira fase de seis semanas do acordo de cessar-fogo. A trégua, em vigor desde 19 de janeiro, foi negociada indiretamente com a ajuda de Catar, Egito e Estados Unidos, encerrando mais de 15 meses de guerra, desencadeada por um ataque do Hamas no sul de Israel em 7 de outubro de 2023.

Na troca deste sábado, Israel soltou 183 prisioneiros palestinos. Desses, 18 estavam cumprindo prisão perpétua, enquanto 54 tinham penas menores e 111 foram detidos em Gaza depois de 7 de outubro, segundo o Hamas. As acusações contra os outros 111 não foram esclarecidas. Além disso, sete deles tiveram de ser internados no hospital, incluindo Jamal al-Tawil, um líder político do Hamas na Cisjordânia.

Enquanto isso, o Hamas libertou três reféns israelenses que foram recebidos em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Gaza, após serem mantidos em cativeiro por 16 meses. O trio — formado por Or Levy, 34 anos; Eli Sharabi, 52 anos, e o israelense-alemão Ohad Ben Ami, de 56 — foi exibido em um palco durante cerimônia organizada pelo Hamas. Imagens dos três homens extremamente magros sendo interrogados no palanque por militantes encapuzados do Hamas causaram indignação em Israel.

O presidente israelense, Isaac Herzog, denunciou “um espetáculo cínico e cruel” que ilustra “um crime contra a humanidade”. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, juntou-se às críticas, dizendo que as imagens deste sábado “não ficarão sem respostas”. A cena também foi denunciada pelo Fórum das Famílias de Reféns israelenses, que classificou as imagens como “chocantes”.

Por outro lado, o movimento islamista palestino fez críticas à “política de assassinato lento”, em

AFP



Presos por 491 dias, estado de saúde de Or Levy (direita) e Eli Sharabi (centro) é “ruim”; e Ohad Ben Ami apresenta “quadro nutricional grave”

Palavra de especialista

Economia da atenção

“Donald Trump sabe capturar os holofotes com falas explosivas, garantindo ampla repercussão. Quando ele recua, o impacto já foi alcançado. Com esse método,

constrói sua imagem de líder forte, impondo sua narrativa e magnetizando o público. Enquanto isso, a oposição tem se mostrado incapaz de apresentar uma estratégia envolvente, falhando em mobilizar sua base. Nesse cenário, Trump se consolida como uma das figuras centrais da extrema-direita global, utilizando discursos violentos e polarizadores para manter seu domínio

sobre a atenção pública. A questão do Oriente Médio torna-se central como plataforma dessa economia da atenção, uma estratégia que tem se tornado cada vez mais eficiente para Trump e seus apoiadores.”

Filipe Queiroz, doutor em história das relações internacionais e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UJFF)

Arquivo pessoal



Segunda fase

Ainda ontem, um alto funcionário do Hamas afirmou que o movimento palestino não quer retomar a guerra com Israel. “Certamente, não é nosso desejo nem nossa decisão. Mas se uma das partes decidir retornar à guerra, nosso povo palestino, que suportou por 15

meses e carrega a resistência em seus corações, sem dúvida, estará preparado para responder adequadamente”, disse Basem Naim em entrevista à AFP.

Membro do comitê político do movimento, Naim afirmou que o “atraso e a falta de comprometimento” de Israel em implementar a primeira fase da trégua, assim

como “a tentativa de criar um ambiente político, internacional, diplomático e midiático para pressionar os negociadores palestinos a entrar na segunda fase” colocam o acordo “em perigo”. No entanto, ressaltou que o movimento islamista palestino continua disposto a retomar as negociações para a implementação da segunda etapa,

que deveriam ter começado na última semana (3).

Ainda ontem, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, anunciou o envio de uma delegação a Doha, capital do Catar, para continuar as tratativas. De acordo com um comunicado emitido pelo gabinete de Netanyahu, o premiê “ordenou o envio de uma delegação” ao Catar e planejou organizar “uma reunião do gabinete de segurança” após seu retorno dos Estados Unidos.

Ameaça dos EUA

Conforme Filipe Queiroz, doutor em história das relações internacionais e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UJFF), Donald Trump afirmou, na presença de Netanyahu, ser contra os palestinos retornarem para seus lares com o cessar-fogo “e que os EUA poderiam ocupar Gaza e desenvolver a região”. A afirmação, na última quinta (6), assustou a comunidade internacional e o próprio primeiro-ministro israelense pareceu surpreso”, comenta.

Segundo Queiroz, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, repudiou a fala por representar um “atentado contra o direito internacional” e a própria Arábia Saudita anunciou que descontinuará seu processo de aproximação com Israel, caso os EUA tomassem Gaza. Reforçando os posicionamentos, Basem Naim defende que forçar uma população de 2 milhões de pessoas a deixar sua terra natal por qualquer motivo é um “crime contra a humanidade” e uma “limpeza étnica”.

“Essa proposta está, portanto, rejeitada. Todos os países árabes, sem exceção, os países islâmicos e muitos países ao redor do mundo adotaram uma posição clara de rejeição (...) porque o povo palestino se recusará a sair. E não há Estado pronto ou preparado para recebê-los”. O representante do Hamas também pediu aos países árabes que evitem “normalizar suas relações” com Israel, “que representa uma ameaça para toda a região, não apenas para os palestinos.”

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

OS ESTEREÓTIPOS DE TRUMP

Na era atual, em que ter alguma função é mais importante do que ter sentido e alcança melhor ressonância quem abusa da dissonância, Donald Trump, sanguíneo e veloz como é, também é rápido no acordo e na busca de expandir semelhanças. Ao espelhar bem o estereótipo do encrenqueiro, ele deixa também claro que a concorrência feroz que expressa, por palavras e leis, não deve impedir a convergência que existe no mundo dos bons negócios.

China, México e Canadá — seus principais parceiros comerciais — foram os primeiros alvos do estilo imperial de Trump. Os três se beneficiam mesmo de um bom acesso ao mercado

norte-americano. O Brasil, que é ótimo para os EUA, figura apenas em torno da 18ª posição entre os seus parceiros comerciais, ficando bem atrás de países bem menores, como Vietnã, Irlanda e Taiwan.

Evidentemente, é boa política buscar entendimentos especiais com os EUA, que incrementem nossas trocas. Todavia, o fato inescapável é que, em nossas relações, a balança comercial favorece sistematicamente os EUA, que se beneficiam da venda de produtos de alto valor para o mercado brasileiro, tanto em termos de bens de consumo quanto de bens de capital. Já faz mais de 15 anos que nunca vendemos mais para eles do que

compramos de lá. Por isso, seguindo à risca a lógica mercantilista de Trump, é o Brasil que sai perdendo, há anos a fio, no comércio com os EUA. Sendo assim, pensar em tarifar o Brasil não apenas seria uma aberração de acordo com o seu próprio argumento, como prejudicaria muito mais as empresas dos EUA.

Não apenas as importações brasileiras de bens vindos dos EUA totalizaram mais de US\$ 40 bilhões, apenas em 2024, mas, principalmente, o Brasil desempenha um papel fundamental no fluxo de investimentos estrangeiros diretos e na geração de lucros para multinacionais estadunidenses. Nosso mercado é um dos mais importantes do mundo para as multinacionais estadunidenses.

Se, em termos de comércio internacional, o peso relativo dos produtos brasileiros nos EUA (cerca de 1,2% de tudo que os EUA importam vem do Brasil) já é apenas metade do peso relativo dos

produtos estadunidenses exportados para o Brasil (cerca de 2,3% de tudo que os EUA exportam vêm para o nosso país), a situação é ainda mais dramática no âmbito da atuação das multinacionais. São milhares de empresas norte-americanas operando no Brasil, enquanto há apenas um número bem menor de empresas brasileiras operando nos EUA.

Aliás, em termos de protecionismo, os EUA são um mercado cada vez mais protegido pelo CFIUS, o Comitê de Investimentos Estrangeiros nos Estados Unidos, que, recentemente, encaminhou o veto à aquisição de uma grande empresa estadunidense por uma japonesa, mesmo sendo Tóquio um aliado fortemente alinhado a Washington. No Brasil, ainda sequer temos uma agência com funções parecidas de defesa dos interesses nacionais.

Os EUA figuram entre os maiores investidores no Brasil, com aportes significativos em setores, como tecnologia, manufatura,

energia e agronegócio. Somando tudo, empresas estadunienses detêm o maior estoque de capital investido no Brasil, entre os investidores internacionais. Em contrapartida, essas empresas remetem anualmente bilhões de dólares em lucros para suas matrizes nos Estados Unidos, reforçando a balança de pagamentos estadunidense e a riqueza de lá.

A presença de suas multinacionais no Brasil não só assegura o acesso dos EUA a um sólido mercado consumidor, mas também à riqueza de recursos humanos e naturais estratégicos, que são transformados em produtos para exportação ou utilizados em suas cadeias produtivas globais. Ainda que os investimentos sejam extremamente bem-vindos, a verdade é que nenhuma multinacional fica se não estiver levando de volta para casa múltiplos daquilo que investe.

A verdade também é que a grande maioria dessas multinacionais

opera em mercados com competidores qualificados de outros países, que aceitariam de bom grado ampliar sua fatia de mercado. Não custa lembrar que, embora o avanço da China e de suas corporações se deva, em parte, ao mérito de Pequim, ele também ocorre, em grande medida, devido à insistência dos EUA em abusar da regra três. Aquela regra, como cantou Vinícius, “onde menos vale mais”.

Por tudo isso, que tenhamos sabedoria e aproveitemos o chacoalhar do mundo. Como propusemos no artigo anterior — *Trump, o Atirador de Pedras* — há, por exemplo, um caminho para a autonomia nas comunicações, cruciais na economia política atual e vindoura. Vendo que os políticos brasileiros decidiram imitar a mania de boné do presidente dos EUA, melhor é logo aprender a lidar com Trump e tentar usar seus estereótipos a nosso favor.

PAULO DELGADO, sociólogo